

Misoginia satírica no latim medieval: Marbod de Rennes e a visão da mulher como vício e malignidade*

La femme fatale de Marbod de Rennes: misoginia e tradición satírica en el latín medieval

Pedro Carlos Louzada Fonseca*

**Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: A tradição misógina da Idade Média ocidental exerce a sua influência literária, nos séculos XI e XII, mediante um tipo de crítica satírica da realidade feminina escrita no latim da época. Uma das figuras mais representativas dessa sátira antimulher, ao lado de Walter Map e Andreas Capellanus, é Marbod de Rennes (c. 1035-1123), cujo *De meretrice* (Sobre a meretriz) constitui objeto de estudo e análise crítica deste trabalho.

Palavras-chave: Misoginia medieval. literatura satírica. Marbod de Rennes.

Abstract: La tradición misógina de la Edad Media occidental ejerce su influencia literaria, en los siglos XI y XII, mediante un tipo de crítica satírica de la realidad femenina escrita en el latín de la época. Una de las figuras más representativas de esa sátira antimujer, al lado de Walter Map y Andreas Capellanus, es Marbod de Rennes (c. 1035-1123), cuyo *De meretrice* (Sobre la meretriz) constituye objeto de estudio y análisis crítico de ese artículo.

Keywords: Misoginia medieval. literatura satírica. Marbod de Rennes.

* Este trabalho apresenta-se como produto parcial do projeto de pesquisa intitulado Mulher Difamada e Mulher Defendida no Pensamento Medieval: Textos Fundadores, que integrando a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental, é coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) para o período de 2014-2016.

O amor cortês, fonte de formação da tradição do amor romântico do Ocidente, inventado em algum momento entre o início e o meio do século XII, representa uma das mais *sui generis* expressões de mesura, reverência e idealização do sentimento amoroso dedicado à mulher na arte e na literatura ocidentais (BLOCH, 1995, p. 18-19). Ironicamente, mas explicável em termos ideológicos, sócio-históricos e culturais, em pleno florescimento dessa cortesia amorosa, coexiste com essa complexa apologia pelo ideal feminino uma contrafrásica atitude declaradamente derogatória e crítica da figura da mulher.

As nuances dessa derrogação misógina veio a se expressar satiricamente em escritores dos séculos XI e XII que, a exemplo do seu precursor Marbod de Rennes, e de Walter Map e Andreas Capellanus, seus seguidores, cultivaram uma aferrada tradição satírica antimulher, cujas raízes podem ser traçadas não só na Antiguidade e na tradição bíblica judaico-cristã mas também nos longos séculos em que a chamada literatura patrística e o seu legado medieval cuidaram em fixar definitivamente os princípios e regras fundamentais do pensamento e das atitudes misóginos no mundo ocidental.

É na esteira desse tipo de literatura satírica, escrita em latim medieval e recorrente a essa arraigada tradição misógina acima referida, que pode ser situado Marbod de Rennes (Marbodius Redonensis Episcopus, c. 1035-1123). Marbod fez seus estudos e chegou a lecionar na escola da Catedral de Angers e, quando sexagenário, tornou Bispo de Rennes na Bretanha. Em termos de vocação e de qualidades literárias, sua dedicação à escrita ficou distinta por abranger um vasto repertório de tópicos que tratava com grande tenacidade, distinguindo-se com frequência pelo seu elaborado esmero estilístico, como é o caso da sua complexa forma versificatória marcada preferencialmente pelo emprego do hexâmetro leonino.

O *Liber decem capitulorum* [Livro com dez capítulos], de Marbod de Rennes, selecionado para compor o estudo da presença e da continuidade da misoginia no latim medieval, com expressão e tratamento muito de perto verificados nos moldes da prática herdada da tradição satírica antiga, conforme se comentou anteriormente, se justifica por enfeixar na sua composição um dos capítulos mais acerbos do que pode ser considerado como exemplo antológico de literatura misógina medieval acerca do mau caráter, viciosidade moral e malignidade natural da mulher de todos os tempos, quer mitológica, quer historicamente considerada. Trata-se do terceiro capítulo do citado livro de Marbod de Rennes, intitulado *De meretrice* e traduzido livremente ora como *Sobre a prostituta*, ora, de forma mais atenuada, como *A mulher má*. Entretanto, no seu conjunto de capítulos, nem todo o *Liberdecemcapitulorum*, merece ser estigmatizado por sua malévola e desencantada opinião acerca da realidade feminina.

Parecendo ter sido escrito na velhice do autor, por trazer reminiscências suas de uma carreira literária que começou no que ele, agora na idade adulta, considerava ter sido de certa leveza juvenil, o que torna interessante na composição do *Liberdecemcapitulorum* o fato de o seu já mencionado Capítulo III poder ser considerado formar, juntamente com o Capítulo IV, intitulado *De matrona* [Sobre a boa mulher], um par dialético, na medida em que esses dois capítulos gêmeos e emparelhados podem ser lidos de forma contrapositiva e antitética. Nessa formação, a postura religiosa maniqueísta da mentalidade religiosa medieval, postulante do bem tético em defesa contra o mal antitético, pode ser entendido pelo fato de o Capítulo IV, *De matrona*, que trata da boa mulher, vir colocado depois do Capítulo III, *De meretrice*, que trata da mulher má, reproduzindo-se aqui ainda o esquema bíblico da redenção do mal pelo bem, na medida em que a viciosidade da *meretrice* torna-se resgatada pela virtuosidade da *matrona*.

Tendo por base esse expediente retórico de tratamento dicotômico, pode-se considerar a hipótese de que a prática do discurso misógino durante o período medieval, muitas vezes representada pelo costume de se fazer imprecações contra a mulher simplesmente pelo gosto de fazê-las, não passou de um mero jogo de fórmulas retóricas para a demonstração de destrezas e de dotes literários. Nesse sentido, muitos escritores misóginos medievais, a exemplo de Marbod de Rennes, conforme comentado anteriormente, emparelham desportivamente ataque e defesa da mulher. Entretanto, considerar o exercício da misogina como um mero jogo ou um desporto, ainda assim não isenta essa prática do pejo da discriminação e de recortes ideológicos violentos, pois, na verdade, sempre foi a mulher vítima de um processo de sujeição, um objeto enquadrado por um jogador masculino arrogado em prerrogativas do seu próprio gênero e posicionado em situação de controle e de domínio.

Ainda considerar o caso de o discurso misógino, tal qual praticado na Idade Média, poder ser equacionado a essa metáfora estilística do jogo como um exercício de habilidades retóricas, representa um grande risco, ou seja, o perigo de subestimar e de desvalorizar uma questão de tão grandes efeitos sociais, históricos, culturais e materiais. Isso porque, apesar de poder ser reconhecido existir, no tratamento da misoginia medieval, certo gosto pelo debate e pela polêmica e mesmo certa disposição bélica, muitas vezes lúdica, entre os sexos opostos, também existiu muito de provocação tendenciosamente ideológica e política nesse confronto para que ele possa ser considerado simplesmente como um embate jocoso e desportivo. Nesse caso, basta ser lembrado que, como saldo desse debate misógino, resultou, entre outras coisas, a incriminação da responsabilidade feminina na Queda e no Pecado Original e, daí, a continuação da exclusão da mulher da história e da vida pública.

Marbod de Rennes começa o seu *De meretrice* comentando acerca das incontáveis armadilhas que o intrigante inimigo, isto é, o demônio, coloca nos caminhos e campinas do mundo. Essa metáfora da mulher na vida do homem como a maior e mais perigosa

armadilha posta pelo demônio, referida em suas mais denegridas imagens em Eclesiastes 7: 27, é de obsessiva frequência na literatura misógina da Idade Média, a exemplo do livro intitulado *Les Quinze Joyes de Mariage* [As quinze alegrias do casamento] (1985), atribuído a Antoine de laSale no século XIV.

Continua Marbod de Rennes, invocando agora o consagrado arraçoado teológico da Criação para justificar a mulher ser demoniacamente a maior armadilha do homem, dizendo que dela se pode dificilmente escapar, porque ela é a origem infeliz, raiz do mal e descendente corrupto, que traz desde o nascimento toda a sorte de ultraje ao redor do mundo. Tudo isso porque é a mulher uma grande instigadora de brigas, conflitos, medonhas dissensões. Ela provoca brigas entre velhos amigos, divide afeições, estilhaça famílias, lembrando esse comentário muito de perto o que diz Ovídio em *Amores* (OVID, 1977-1989, vol. I, II. 12), quando o poeta discorre sobre a mulher como causa de guerras e de conflitos ao redor do mundo, e São Jerônimo em *Adversus Jovinianum* (1892, I. 48), quando comenta, numa terrível sucessão de tiradas críticas, acerca dos péssimos exemplos de mulheres da cultura romana.

Comenta Marbod de Rennes que tudo isso que diz não passa de superfluidades comparado com o fato de ser a mulher capar de depor reis e príncipes do trono, fazer nações chocarem umas contra as outras, convulsionar e destruir cidades, multiplicar assassinatos, misturar venenos letais, arremessar conflagrações enquanto causa desordem nas fazendas e nos campos. Ecoando o que diz Juvenal na *Sátira VI*, 242-243 acerca da mulher, sumariza, na coluna 1698, linhas 1-14 do *De meretrice*, o exímio entusiasta da pregação compulsiva qualificadora do mal feminino em todas as direções e lugares dizendo que nenhuma manifestação do mal tocaia o universo, na qual a mulher não reclama alguma parte para si mesma.¹

No que se segue, na coluna 1698, linhas 15-24 do *De meretrice*, o incansável detratador da natureza e do caráter da mulher comenta sobre a sua sexualidade, dizendo que o sexo feminino é invejoso, caprichoso, irascível, avarento e seu estômago se destempera com bebida e com voracidade. Completa dizendo que a mulher saboreia vingança e está sempre ofegante pela posição superior, sem manifestar o menor desconforto com o crime ou com o engano, conquanto que ela ganhe; ela sempre está determinada em adquirir o que quer, seja através de meios justos ou faltosos, sendo que para ela nada parece ilícito se lhe for prazeroso; ela desmente a sua própria aparência, escondendo os seus esqualidos

¹Marbodus Redonensis Episcopus. De meretrice. In: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, col. 1698, ls. 1-14. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/10351123,_Marbodus_Redonensis_Episcopus,_Liber_Decem_Capitulorum,_MLT.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014. Todas as referências a passagens citadas dessa edição de *De meretrice* serão, no decorrer deste trabalho, a exemplo da presente citação, para efeito de melhor propriedade de localização, referidas apenas em relação às colunas e linhas em que se encontram.

segredos.

Marbod de Rennes, à quisa de conclusão sobre a índole e a moral femininas, sempre muito temporária porque constantemente retomada no decorrer do seu discurso misógino, diz que finalmente a mulher é uma mentira sem vergonha; que não é de forma alguma inocente do crime da intriga que pratica; que ela, ora escancarando-se na riqueza, ora queimando-se com a chama da luxúria, é sempre uma tagarela e inconfiável criatura; e que, coroando todo esse mal caráter feminino, encontra-se o seu pior defeito, isto é, a arrogância.

A seguir, na coluna 1698, linhas 25-33 do *De meretrice*, Marbod de Rennes passa a comentar os feitos e as ações perniciosas que o vicioso mau caráter feminino tem provocado através dos tempos, citando célebres exemplos buscados em passagens bíblicas e em casos da antiga mitologia e da história dos tempos pagãos, tradicionalmente glosados no discurso misógino medieval. Nesse sentido, diz que a mulher munida com os seus vícios subverte o mundo. Entretanto, repetindo a imagem paradoxal do doce mal feminino, bastante glosada em virtude do complexo psicosssexual que parece caracterizar o androcentrismo do discurso misógino, Marbod de Rennes diz que esse doce mal feminino é composto de favo de mel com veneno. Assim caracterizada, a mulher espalha mel em sua espada para traspasar os corações do homem inteligente.

No que se segue, Marbod de Rennes, numa coleção de perguntas retóricas, pois servem simplesmente para enfatizar as suas reflexões, principalmente no nível estilístico, acerca do desastre que é a mulher, pergunta e responde dramaticamente: Quem urgiu os primeiros pais a provar o que era proibido? Uma mulher. Quem conduziu um pai a corromper as suas filhas? Uma mulher. Quem eliminou a força de um homem quando o seu cabelo foi cortado? Uma mulher. Quem cortou a cabeça sagrada de um homem justo com uma espada? Uma mulher, que empilhou crime em cima do crime da sua mãe, e marcou chocante incesto com ainda mais chocante assassino. Todos esses crimes de agência feminina, Marbod de Rennes, intentando a eficácia retórica que o *topos* da *auctoritas* proporciona, vai conferi-los primeiramente em notáveis casos bíblicos, sendo, respectivamente, as referências acima feitas a Eva; às duas filhas de Lot, sendo que a mais velha propôs embebedar o pai para com ele copularem a fim de preservar a sua semente, conforme pode ser lido em Gênesis 19: 31-38; a Dalila e a Salomé que, por exigir a cabeça de João Batista, adicionou assassinato ao crime do incesto entre a sua mãe, Herodias, e Herodes Antipas, conforme pode ser lido em Mateus 14: 1-11.

Continua Marbod de Rennes essa lista de mulheres criminosas, na coluna 1699, linhas 34-44 do *De meretrice*, ainda citando conhecidos casos bíblicos de homens de boa fé que foram vitimados pelas armadilhas demoníacas de mulheres licenciosas. Pergunta, quem, senão a mulher sedutora, desviou Davi, o sagrado, e quem desencaminhou o sábio

Salomão com doce encanto, de forma que um se tornou adúltero e o outro cometeu sacrilégio, ecoando as palavras de São Jerônimo na *Epistola 22, ad Eustochium* [Carta a Eustóquio] (1892, XII, p.100-137). Diz ainda que deixa de mencionar muitas outras mulheres de estirpe semelhante às que está a relacionar e que se encontram catalogadas na página sagrada como, por exemplo, a terrível Jezebel e Atalia, que ousou cometer hediondo pecado, esta usurpando o trono matando os seus legítimos herdeiros, conforme pode ser lido em Reis 4. 11: 1, e aquela que perseguiu os profetas sadisticamente, conforme pode ser conferido em Reis 3. 21: 7, e outras tantas mais que são desnecessárias serem enumeradas.

Depois de sentir-se suficientemente justificado com a lembrança dessas malévolas mulheres bíblicas, Marbod de Rennes passa a mencionar, dizendo que o faz de passagem, muitas outras famosas mulheres por seus delitos, tradicionalmente mencionadas em obras de poetas e de historiadores, a saber, Erifile, Clitemnestra, Belides, Procne (OVID, 1982, III. 9-43) e aquela prostituta gerada por Leda, que foi disputada na guerra de dez anos de Troia, e outras também cujas histórias os poetas trágicos frequentemente relembram para as pessoas.

Estrategicamente, conforme pode ser observado acima, depois de discorrer sobre as más mulheres na Bíblia na literatura e na história, Marbod de Rennes, na coluna 1699, linhas 45-56 do *De meretrice*, passa finalmente a comentar sobre as figuras femininas da sua conhecida tradição mitológica. Encabeça a lista dessas monstruosas e fatídicas figuras com a referência à Quimera, que diz ser exemplo emblemático desse terrível monstro que é a mulher, o qual deve ser evitado. Diz que, com justo merecimento, a esse monstro feminino foi-lhe dada uma forma, sendo a parte da frente em feitio de leão, a traseira em formato de cauda de serpente, e as partes do meio constituídas nada mais do que por uma chama vermelha quente. Ao constituir as partes do meio da Quimera como formada por intenso fogo avassalador, Marbod de Rennes, fugindo da usual representação dessas partes como as de uma cabra, segue, entretanto, a clássica figuração ígnea que Ovídio faz desse monstro nas *Metamorfoses* (OVID, 1977-1979, vol. III, IX. 647). A conotação moralizante dessa imagem encontra-se, entre outros, exemplarmente referida por Bernardo Silvestre (Bernardus Silvestris, 1085-1178) no seu conhecido comentário que faz dos seis primeiros livros da *Eneida*, de Virgílio (1979).

Na esteira moralizadora dessa figura da Quimera enquanto equacionada a uma das mais significativas representações do mal feminino, Marbod de Rennes, por sua vez, alegoriza de forma dramática a representação dessa imagem dizendo que ela imita a natureza de uma prostituta por se apoderar do estragado para carregar em sua boca de leão, enquanto finge que é algo com uma impressionante e quase nobre aparência. Com essa fachada, assim falsamente imposta, ela consome os seus cativos nas chamas do amor, nas quais nada de substância ou de peso é visto, somente luxúria frívola, irracional e furiosa. As partes de traz são repletas de veneno fatal porque morte e danação encerram os prazeres

sensuais.

Depois de tentar o impressionante na figuração do mal feminino conferido na mitológica Quimera, Marbod de Rennes, na coluna 1699, linhas 58-69 do *De meretrice*, se refere a outro terrível monstro igualmente portador de denegridos atributos do feminino, não menos digno de destaque por sua malignidade, a turbulenta Caríbdis, que é conhecida por sugar e arrastar irremediavelmente para a morte tudo que está perto dela. Aqui, a referência feminizadora a Caríbdis de Marbod de Rennes pertence, como no caso da famosa Scila, ao legado da antiga mitologia antiga, em que ambas personificavam, como figuras de monstros predadores de navios, os rochedos que flanqueavam o traiçoeiro Estreito de Messina. Na sequência dessa notável lista misógina de referência a monstros femininos destruidores dos homens, Marbod de Rennes coloca a Sereia, dizendo que ela, como Caríbdis, era conhecida por atrair os tolos e incautos homens com as suas amoráveis melodias, arrastando-os em direção a ela quando atraídos, e quando eles eram arrastados ela os mergulha no abismo aniquilador. Mas Ulisses safou-se dessa sina, adverte Marbod de Rennes. Ele tapou os ouvidos da sua tripulação às notórias canções, enquanto fisicamente se refreou de ser capaz de mudar o seu curso, por ser amarrado com cordas ao mastro do veloz navio. Não menos sucedidamente ele enganou os doces venenos da má Circe. Aqueles que o bebiam tomavam a forma de bestas selvagens, transformados em semelhança a cachorros e porcos sujos. Tais animais assim seduzidos, continua Marbod de Rennes, significam aqueles degenerados e sensualistas por viverem a vida de um rebanho de animais debaixo da onda da luxúria. A máxima moralizadora dessas referências lendárias e mitológicas a aberrações femininas, que comprometem por sua natureza e sexualidade a integridade física, moral e espiritual do homem, não poderia estar de forma mais catequética colocada por Marbod de Rennes.

E é mesmo nesse sentido moralizador que, na coluna 1699, linhas 71-82 do *De meretrice*, Marbod de Rennes predica com um tom apostrofado ao estilo sermonístico concitando, com grande temor e aparente aversão, duas características fundamentais da femifobia misógina constante do complexo androcêntrico, os homens a terem cuidado com os melosos venenos, as doces canções e com os arrastamentos para as profundezas negras; a não deixarem o encanto de aparências artificiais seduzi-los; e a estarem temerosos das chamas destrutíveis e da feroz serpente. Isso porque, se uma bela mulher os corteja com o objetivo de os enganar, e se eles têm tal confiança em si mesmos que de coração firme se preparam para entrar na briga, eles se enganarão a si mesmos com ignorância, se desprezam os dardos do inimigo. Não é a regra nesse tipo de luta que os homens possam ganhar em combate de perto. É melhor empreender uma recuada e alcançar segurança com os seus próprios pés. Se os homens correrem, vão fugir; se aproximarem, vão ser pegos. Então, diante desse dilema, o conselho final de Marbod de Rennes é a adoção da tradicional postura misógina maximamente recomendada pela visão religiosa acerca da proximidade

feminina: ficar longe da mulher, não ir atrás dela, porque alguém que brinca com desejo, diz ele, pode ser transformado em pedra pela simples mirada da Górgona.

Finalmente, na coluna 1699, linhas 84-90 do *De meretrice*, depois de toda essa exposição e arrazoado feitos em relação ao que de ruim e de perdição representa o lado malévolos da mulher, Marbod de Rennes coroa o seu tom catequético moralizador com a prédica doutrinária de fundo e de objetivo religiosos, servindo-se da parábola do *homo viator* que deve estar sempre munido de cautela e de piedade, respaldado pelas insígnias da fé cristã para pode atravessar ileso o turbulento mar das seduções e das perdições femininas. Com a expressiva alegoria da barca, tão cara à cosmovisão medieval principalmente em sentido religioso, aconselha Marbod de Rennes, com o afã da voz de um pregador convicto da sua missão de redenção cristã e misógina, a quem quer que seja que busque os calmos mares da terra na barca da Igreja que, a fim de chegar ao porto desejado da terra natal, evitando assim canções sonoramente doces e atrações perigosas, deve bloquear e proteger o ouvido com a doutrina da lei e manter-se amarrado à madeira com a corda do medo divino, pois a madeira é a cruz da nossa salvação, como o mastro do navio, o qual não é sem vergas das velas, que são os braços da cruz. Assim, dessa forma elaboradamente alegórica, Marbod de Rennes, de forma doutrinária e piedosa mistifica, com a ideologia e a ordem política de insígnias máximas da fé cristã, o ulíssiaco exemplo intemerato do paganismo clássico, símbolo de uma ética épica e androcentricamente sancionada.

Referências

BERNARDUS SILVESTRIS. *Commentary on the First Six Books of Virgil's 'Aeneid.'* Tr. E. G. Schreiber and T. E. Maresca. Lincoln: University of Nebraska Press, 1979.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental.* Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

HOLY BIBLE, THE. Tradução da Vulgata Latina. Belfast, ed. de 1852.

JEROME, St. Letter 22, to Eustochium. In: _____. *The Principal Works of St Jerome.* Ed. P. Schaff and tr. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company, 1892, p. 100-137.

_____. Against Jovinian. In: _____. *The Principal Works of St Jerome.* Ed. P. Schaff and tr. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company,

1892, p. 779-907.

JUVENAL. Satire VI. In: _____. *The Satires of Juvenal*. Tr. R. Humphries. Bloomington: Indiana University Press, 1958, p. 64-85.

LA SALE, Antoine de. *The Fifteen Joys of Marriage*. Tr. B. A. Pitts. New York: Peter Lang, 1985.

MARBODUS REDONENSIS EPISCOPUS. De meretrice. In: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, cols. 1698-1699.

Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123,_Marbodus_Redonensis_Episcopus,_Liber_Decem_Capitulorum,_MLT.pdf>.

Acesso em: 03 maio 2014.

_____. De matrona. In: _____. MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, cols. 1699-1702. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123,_Marbodus_Redonensis_Episcopus,_Liber_Decem_Capitulorum,_MLT.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014.

OVID. *Heroides, Amores; Art of Love, Cosmetics, Remedies for Love, Ibis, Walnut-tree, Sea Fishing, Consolation; Metamorphoses; Fasti; Tristia, Ex Ponto*. Ed. Goold, G.P. et al., vol. III. Loeb Classical Library. Cambridge, Mass. / London: HUP, vols. I-VI, 1977-1989.

_____. Ars amatoria. In: _____. *Ovid: The Erotic Poems*. Tr. P. Green. Harmondsworth: Penguin, 1982, p. 98-214.

PEDRO CARLOS LOUZADA FONSECA

Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Goiás. Coordenador da Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura ocidental. Desenvolve o Projeto de Pesquisa Mulher Difamada e Mulher Defendida no Pensamento Medieval: textos fundadores, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) para o período 2014-2016. E-mail: pfonseca@globo.com.